

MAR NEGRO: reativação de memórias silenciadas

“Uma sociedade sem memória é um anátema”, como nos lembra o historiador alemão Andreas Huyssen. O mar e a memória da escravidão são os eixos condutores da poética de Patrícia Francisco. A sua exposição *Mar Negro* tem como origem três eixos fundacionais: a convivência de proximidade da artista com o alto-mar, no Rio de Janeiro; a realização anterior de trabalhos a beira-mar, como em *Ambientes – Série Sinal Vermelho* (2014-2015), exposto em sua última individual *Slide* (2015) na Galeria Mamute em Porto Alegre, e seu antigo interesse pelo assunto da escravidão e da cultura africana.

A noção de documento pode ser dependente da ideia de funcionalidade da fotografia. Não é de hoje que determinados artistas contemporâneos recorrem à fotografia documental, investigando arquivos de outras disciplinas para realizar suas proposições artísticas. Reativar imagens documentais de arquivos, numa concepção estética, pode ser um dos caminhos possíveis, para que artistas coloquem seus posicionamentos sobre uma determinada questão social. Para conceber essa exposição, a artista Patrícia Francisco pesquisou sobre a escravidão nos arquivos do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa - Acervo fotográfico e do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo – Fototeca Sioma Breitman, na Fundação Biblioteca Nacional - Manuscritos, no Rio de Janeiro, de onde resgatou retratos de negros e textos com o registro dos nomes de escravizados. Para a artista, “trabalhar com arquivo é uma forma de atualizar o presente.”

Desde trabalhos anteriores, Patrícia Francisco utiliza métodos de associação de diferentes meios, de imagens diversas e que geram atravessamentos de significados. A exposição *Mar Negro* é composta por trabalhos em vídeo, fotografias e objetos que comentam sobre o tecido social da escravidão. O vídeo *Mares (2016)* apresenta fotografias intercaladas com imagens em movimento da água do mar, de navios, de santos (Santo Expedito, Santa Bárbara, Nossa Senhora Aparecida, Iemanjá), de mapa e de outros elementos associados ao mar do Rio de Janeiro, por onde chegavam os escravizados trazidos da África, normalmente capturados em diversos portos. Em meio a tais imagens, uma em especial, o close na cabeça de um peixe morto, com a boca escancarada e o corpo carcomido, pode ser um símbolo do sofrimento que aguardava os escravizados chegados ao Brasil. O local de sua exposição, o Porão do Paço Municipal de Porto Alegre, também pode ser pensado como uma alusão aos porões dos navios que trouxeram vidas para serem escravizadas.

No vídeo *Batismo (2017)*, a câmera percorre os nomes de batismo dos escravizados em um livro de registros de 1704 a 1707, dos nascimentos em Irajá, no Rio de Janeiro. Os filhos dos escravizados, segundo a artista, eram registrados somente com o primeiro nome, negando-os, portanto, o direito à identidade social de sua ascendência familiar. O estado de apagamento de alguns traços dos nomes nas páginas do arquivo, é significativo de histórias tantas vezes ocultadas, como Patrícia se refere: “Não quero silenciar em um país que naturaliza a escravidão. Um país que matou e humilhou negros e não fez as compensações devidas.”

Uma escultura feita com pontos de arte naval, sendo tecida com cordas brancas e pretas e lançadas sobre um pano de rede, contendo objetos coletados na praia e de

religiões de matriz africana, evoca a superfície do mar, em ***Iemanjá encontra os Pretos Velhos (2017)*** e em ***A Roda é a África (2016)***, apresenta um objeto musical que reúne os mapas de países que tiveram suas histórias hibridizadas com o continente africano - como o Brasil, Portugal, França e Inglaterra - acompanhado por um Ponto de Preto Velho *Minha Cachimba tem Mironga, Minha Cachimba tem Dendê*. A exposição abre com elementos que simbolizam a Umbanda dos Pretos Velhos, um banquinho, uma rosa e uma vela, todas brancas e um copo de água.

Ao fundo do espaço expositivo, encontra-se ***Atlas Atlântico (2017)***, um grande painel de fotografias noturnas de mares e de retratos de negros escravizados, sobre as quais incidem luzes pontuais para reativar memórias silenciadas por uma parte da sociedade, que ainda oculta a sua história.

Com esta exposição, Patrícia Francisco resgata memórias da história social e cultural de identidades que foram negadas, reaviva sonhos de liberdade e faz uma justa citação a um povo que, muitas vezes, a sociedade coloca no esquecimento.

Niura Legramante Ribeiro, junho de 2017
Curadora | professora do Instituto de Artes, UFRGS

Mar Negro

Exposição individual de Patricia Francisco

Curadoria e texto Niura Ribeiro

Exposição: 8 junho a 11 agosto de 2017

segundo a sexta, das 9h às 18h

Paço dos Açorianos | Pinacoteca Aldo Locatelli

Praça Montevideo 10,

Centro Histórico, Porto Alegre -RS | Brasil